

Um profeta que nasce da atuação pastoral

*Nelson Kilpp*¹

RESUMO

O presente estudo enfoca os inícios da atuação do profeta Jeremias e pretende mostrar que, antes de ser conhecido como o profeta do juízo sobre Judá e Jerusalém, Jeremias realizava, junto aos habitantes do antigo Reino do Norte, uma atividade que pode ser definida como pastoral. Para tanto, o estudo aborda as questões que se referem a situação, conteúdo e peculiaridades da pregação mais antiga do profeta.

PALAVRAS-CHAVE

Jeremias, vocação profética, mensagem profética.

ABSTRACT

This paper focusses on the early ministry of the prophet Jeremiah. It intends to show that before he came to be known as a judgment prophet, Jeremiah carried out an activity among the people of former Northern Israel that can be characterized as pastoral. In order to do that, the paper deals with issues related to context, contents, and characteristics of the earliest preaching by Jeremiah.

¹ Nelson Kilpp, doutor em teologia pela Philipps-Universität de Marburg (Alemanha), foi professor titular da Faculdades EST até 2010. Desde 2010 trabalha em Kassel, na Alemanha, no Dezernat Ökumene, Weltmission und Entwicklungsfragen der Evangelischen Kirche von Kurhessen-Waldeck.

KEYWORDS

Jeremiah, prophetic calling, prophetic message.

O livro de Jeremias inicia, como quase todos os livros proféticos, com a ambientação histórica da atuação do profeta:

Palavras de Jeremias, filho de Hilquias, um dos sacerdotes que estavam em Anatote, na terra de Benjamim, a quem foi dirigida a palavra do Senhor, nos dias de Josias, filho de Amom, rei de Judá, no décimo terceiro ano de seu reinado, e também nos dias de Joaquim (Almeida: Jeoaquim), filho de Josias, rei de Judá, até o fim do décimo primeiro ano de Zedequias, filho de Josias, rei de Judá, até a deportação de Jerusalém, no quinto mês. (Jeremias 1,1-3)

De acordo com esse texto, a atuação do profeta Jeremias começa no 13º ano do reinado de Josias e se estende até o quinto mês do 11º ano do reinado de Zedequias. Supondo que o ano israelita iniciava, como o ano babilônico, na primavera do hemisfério norte, o 13º ano do reinado de Josias coincide com o período que vai de março/abril de 627 a março/abril de 626. Essa informação sobre o início da atividade profética, no entanto, apresenta alguns problemas para a pesquisa. Um deles diz respeito à relação de Jeremias com a reforma josiânica.

1. Jeremias e a reforma do rei Josias

Sabemos que o rei Josias promoveu, em torno de 622, uma reforma cültico-religiosa, cujos detalhes encontramos em 2 Reis 22-23. Essa reforma – também conhecida como reforma deuteronômica, por apoiar-se no livro de Deuteronômio – trouxe novidades que marcaram profundamente a vida dos judaítas. As medidas mais importantes foram a eliminação de emblemas e símbolos religiosos cananeus e assírios do templo de Jerusalém, a destruição dos locais de culto fora da capital e, em especial, a centralização do culto sacrificial no templo hierosolimita. Sabemos também que, juntamente com essas medidas cültico-religiosas, Josias iniciou um processo de expansão territorial que o

levou a conquistar espaços antes ocupados pelos assírios, especialmente na região da Província de Samaria, que abrangia o território do antigo Reino do Norte (Israel). De acordo com 2 Reis 23,15.17.29-30, Josias marcou presença em Betel, Samaria e Meguido, onde veio a falecer².

A pergunta que surge é: como Jeremias se posiciona diante dessas inovações introduzidas pela reforma? Ele era a favor ou contra elas? As respostas dadas pela pesquisa divergem. Há os que afirmam que Jeremias nada tinha a dizer a respeito da reforma, ou, então, que ele sabiamente aguardou o decorrer dos acontecimentos para ver no que dariam. Para outros, o profeta se posiciona contra a reforma. Um indício disso veem, por exemplo, em Jeremias 8,8-9:

Como podeis dizer: “Nós somos sábios
e a lei do Senhor está conosco!”
Sim, eis que a transformou em mentira
a pena mentirosa dos escribas.
Os sábios serão envergonhados,
ficarão perturbados e serão capturados.
Eis que eles desprezam a palavra do Senhor!
Que sabedoria é essa que eles têm?

O texto acusa os escribas, que se consideram sábios por possuírem “a lei do Senhor”, de distorcerem a palavra de Deus. Alguns entendem que essa lei deve ser identificada com a legislação deuteronômica, imposta por Josias à população. Jeremias estaria, então, taxando as normas desta lei de “mentirosas”; e a reforma que as introduz seria “desprezo da palavra do Senhor”. No entanto, o texto não menciona nenhuma das medidas da reforma josiânica, nem mesmo a mais importante, a centralização do culto. Por isso, ele dificilmente pode servir de argumento para afirmar que Jeremias era contrário às medidas da reforma. Jeremias 8,8-9 parece ser, antes, uma crítica da arrogância e hipocrisia de um grupo social que se crê protegido e salvo por presumir que tem a lei divina a seu favor.

² Evidências extrabíblicas mostram que Josias também expandiu sua influência sobre o Leste (Yabne Yam) e o Sul (Arad).

Alguns pesquisadores acreditam que Jeremias se tenha posicionado a favor da reforma e argumentam que o profeta, numa denúncia contra o rei Joaquim (Jeremias 22,13-19), não poupa elogios a Josias, seu pai:

... Teu pai, porventura, não comeu e bebeu?
Mas ele praticou o direito e a justiça!
E tudo correu bem para ele!
Ele julgou a causa do pobre e do indigente...
Não é isto conhecer-me? (Jeremias 22,15-16)

Esse texto elogia Josias por ter praticado a justiça durante o seu reinado. Reconhece que os reis têm o direito de viver bem desde que realizem o que deles se espera, ou seja, um governo que promova a justiça e garanta o direito aos juridicamente mais fracos. No entanto, o texto não menciona nenhuma medida da reforma cúltico-religiosa, muito menos a política expansionista de Josias.

Os defensores da ideia de que Jeremias aprovou a reforma de Josias afirmam ter a seu favor os capítulos 2 e 3 do livro. De fato, é quase consenso entre os pesquisadores que esses dois capítulos fazem parte da pregação mais antiga do profeta. E os anúncios desses capítulos parecem pressupor a situação anterior à reforma de Josias, já que acusam os destinatários de terem abandonado Javé para adorar outros deuses:

Acaso um povo troca de deuses?
– e esses nem são deuses!
Mas o meu povo trocou a sua Glória
pelo que não vale nada. (2,11; cf. 2,5.13.20.23.27-28; 3,20-22.23 e *passim*)

Essa situação de apostasia e idolatria, de fato, combinaria muito bem com a situação que precede a reforma deuteronomica, cuja intenção era precisamente abolir os ritos não javistas e de cunho sincretista, destruindo os altares nos altos (*bamoth*) e centralizando o culto no templo de Jerusalém, onde o controle era possível. A reforma de Josias, em 622 a.C., teria, então, sanado os problemas detectados e criticados pelo profeta em Jeremias 2-3. Consequentemente, Jeremias só poderia ter

saudado a reforma deuteronomica. Mas, também nestes dois capítulos, o profeta não se manifesta explicitamente a favor da reforma.

A Jeremias 2 e 3 voltaremos mais adiante. Antes, porém, é necessário abrir um parêntese para tratar de um problema correlato: o do silêncio profético entre 622 e 609.

2. Um silêncio profético na vida de Jeremias?

A questão é procedente. Pois, se, de um lado, a pregação contida em Jeremias 2-3 provém, como vimos acima, da época anterior à reforma de Josias, ou seja antes de 622, e, de outro lado, as palavras autênticas de Jeremias claramente datadas ou datáveis foram proferidas somente a partir de 609, teríamos uma “lacuna” na atuação profética. Que aconteceu entre 622 e 609 a.C.?

Em seu primeiro anúncio datável, o profeta enfoca os acontecimentos do ano 609. Neste ano, o rei Josias é morto ao tentar interceptar o avanço do exército egípcio (2 Reis 23,29-30), o rei Joacaz (também conhecido por Salum) é entronizado, mas logo destituído e preso pelo Faraó e, depois, levado ao Egito (2 Reis 23,30-34), e Joaquim (Almeida: Jeoaquim), irmão de Joacaz, é constituído rei pela graça do rei do Egito (2 Reis 23,34). Jeremias lembra a morte de Josias e o desterro de Joacaz num dito dramático:

Não choreis aquele que está morto,
e não o lamenteis!
Chorai, antes, aquele que partiu,
porque ele não voltará mais
para rever a sua terra natal. (Jeremias 22,10; cf. v.11-12)

Na mesma época, ou seja, no “começo do reinado” de Joaquim, também é datado o conhecido discurso contra o templo de Jerusalém (Jeremias 26;7)³.

³ O “começo do reinado” de Joaquim (Jeremias 26,1) representa “o ano de acesso”, ou seja, o espaço de tempo entre a morte do rei anterior e o início do ano novo (março/

Assim, o ano de 609 representa, obviamente, o início de um novo período na atividade profética de Jeremias, com seus acentos próprios. Surge, a partir daí, a pergunta: O que o profeta fez ou disse entre a reforma de Josias (622) e o início do reinado de Joaquim (609)? Deve-se admitir um “silêncio profético” de 13 anos? Poucos creem na possibilidade de uma “hibernação” de Jeremias! Por isso, alguns pesquisadores chegam a afirmar que o 13º ano de Josias é mera ficção. Ele teria sido criado pelos redadores do livro para atribuir ao profeta uma atuação durante simbólicos 40 anos (de 627 a 587/6), ou seja, uma atuação que preencheu a vida inteira.

Um dos comentários mais recentes sobre o livro de Jeremias, o de William L. Holladay⁴, apresenta uma outra hipótese, à primeira vista, até bastante convincente. Ele afirma que o 13º ano de Josias não marca o início da atividade de Jeremias, mas indica o ano do nascimento do profeta. O redator do livro de Jeremias teria entendido o conteúdo de Jeremias 1,5 – “Antes mesmo de te formar no ventre materno, eu te conheci; antes mesmo que saíesses do seio, eu te consagrei” – no sentido de o profeta ter sido vocacionado já por ocasião do seu nascimento.

Para Holladay, o ano de 627 seria tanto o ano do nascimento quanto da vocação de Jeremias. Nesse caso, o profeta teria cinco anos por ocasião da reforma de Josias (622) e obviamente não teria nenhuma opinião formada a respeito dela. Sua atividade profética teria iniciado, ainda conforme Holladay, somente em 615, por ocasião da leitura do Deuteronômio (cf. Deuteronômio 31,9-13), quando o profeta estaria com 12 anos, ou seja, bastante jovem, como pressupõe Jeremias 1.6: “ainda sou uma criança”. Dessa forma, não teria havido proclamação profética antes dessa reforma; a atuação de Jeremias sob Josias se restringiria ao período de 615 a 609⁵.

abril), portanto, entre o agosto/setembro de 609 e o primeiro dia do ano novo de 610. Este período é contado como ano cheio para o rei precedente. Os anos (cheios) do novo rei são contados somente a partir do ano novo.

⁴ **Jeremiah**. Minneapolis: Fortress Press, 1989. 2 v. (Série Hermeneia. A Critical and Historical Commentary on the Bible).

⁵ **Jeremiah**, v. 2, pp. 25-27. A tese já havia sido levantada anteriormente por Friedrich Horst. Die Anfänge des Propheten Jeremia. **Zeitschrift für die alttestamentliche**

Apesar de muito interessante, essa tentativa de solucionar o problema do silêncio profético esbarra em muitas dificuldades. É bastante improvável que o redador tenha confundido a eleição do profeta “antes” do seu nascimento (Jeremias 1,5) com o início da recepção da “palavra do Senhor” (Jeremias 1,2). Além disso, os livros proféticos não se interessam pela data de nascimento de seus protagonistas. Importantes são, para eles, a mensagem e a atuação proféticas, eventualmente também a reação a esta mensagem, mas nunca o nascimento de um profeta. Além disso, ao datar o início da atividade de Jeremias no ano 615, Holladay apoia-se na suposição bastante duvidosa de que, de fato, tenha ocorrido uma leitura do Deuteronômio a cada sete anos, como propõe Deuteronômio 31,10-13. Porém, essa praxe não se confirma em nenhum texto do livro de Jeremias. Mas, ainda que ela tivesse ocorrido, por que ela teria desencadeado a atuação profética de Jeremias? Não vejo nenhum motivo plausível. Não há exemplos de que um profeta tenha sido vocacionado ou se tenha conscientizado de sua vocação através da leitura de um código de leis.

Creio ser possível resolver os problemas arrolados acima sem recorrer a hipóteses frágeis como a de W. Holladay. Para tanto nos ajudam dois trabalhos que não mais podem ser desconsiderados pela pesquisa séria. Trata-se dos artigos de Norbert Lohfink⁶ e Rainer Albertz⁷, que enfocam os primeiros anos da atividade profética de Jeremias, onde constatam claramente dois tipos bem distintos de atuação profética, como veremos a seguir.

3. Duas formas distintas de atuação do profeta Jeremias

Norbert Lohfink analisa os textos de Jeremias 30-31 e Rainer Albertz faz um estudo minucioso de Jeremias 2-6. Ambos levam a sério

Wissenschaft, 1923, pp. 94-153, e J. Philip Hyatt. **Jeremiah: Introduction and Exegesis**. 1956, pp. 778-779. (Interpreters Bible, v. 5)

⁶ Der junge Jeremia als Propagandist und Poet: Zum Grundstock von Jer 30-31. In: P. M. Bogaert (ed.) **Le livre de Jérémie: Le profète et son milieu, les oracles e son transmission**. Louvain: Peters, 1981, pp. 351-368. (BETHL)

⁷ Jer 2-6 und die Frühzeitverkündigung Jeremias. **Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft**, 1982, pp. 20-47.

os indícios de que não se pode duvidar da atuação de Jeremias na época de Josias, explicitamente mencionada em Jeremias 1,2; 3,6; 36,2. Ambos também concordam que, nessa época, Jeremias ainda não era aquele profeta conhecido por seus dramáticos anúncios sobre o inimigo do Norte que invade Judá destruindo tudo o que encontra pela frente (Jeremias 4-6). O profeta que anuncia a destruição de Judá e Jerusalém inicia sua atividade somente em 609, após a morte de Josias, com o início do reinado de Joaquim. Antes disso, Jeremias tinha uma mensagem diferente, endereçada a destinatários bem específicos: os descendentes dos habitantes do antigo Reino do Norte, Israel, que, em 722, tiveram que fugir ante o avanço do exército assírio e se refugiaram em Judá e, de acordo com descobertas arqueológicas, também em torno da localidade de Anatot, a aldeia natal de Jeremias.

A seguir, um breve resumo das conclusões a que chegam N. Lohfink (3.1) e R. Albertz (3.2) a respeito dos inícios da pregação jere-miânica.

3.1. Uma fase “pré-profética”: A evidência de Jeremias 30-31

N. Lohfink afirma que o profeta de juízo Jeremias, assim como nós o conhecemos, inicia sua atividade somente em 609. O discurso contra o templo é a sua primeira grande manifestação pública (Jeremias 7; 26). Não há nenhum anúncio de juízo que possa ser datado antes de 609. A atuação de Jeremias antes de 609, sob o reinado de Josias, Lohfink chama de “fase pré-profética”⁸. Os textos provenientes desta fase, ele os encontra no cerne de Jeremias 30-31. Sem poder entrar na análise detalhada dessa coletânea de textos, que certamente teve uma história bastante complexa até adotar a sua atual forma⁹, é praticamente consenso da pesquisa que, na origem

⁸ Der junge Jeremia als Propagandist und Poet, p. 351.

⁹ N. Lohfink considera autênticos os seguintes poemas: Jeremias 30,5-7 (I).12-15 (II).18-21 (III); 31,2-6 (IV).15-17 (V).18-20 (VI) e 21-22 (VII). Creio que somente os poemas IV, V e VI podem ser considerados trechos ditos por Jeremias ao antigo Reino de Israel. O cerne do capítulo 30 forma uma liturgia profética da época do

dessa coletânea, especialmente no cerne do capítulo 31, encontram-se anúncios de salvação dirigidos aos descendentes dos que sobreviveram à catástrofe de 722, que terminou com a autonomia política do Reino de Israel.

De fato, todos os destinatários mencionados nos poemas autênticos de Jeremias 31 indicam para o Norte: À “virgem de Israel” são anunciados novos tempos em que ela se enfeitará e dançará por causa de sua restauração, tempos em que ela novamente plantará “vinhas nas montanhas de Samaria” e em que se ouvirão os gritos dos vigias sobre a “montanha de Efraim” (31,4-6). “Em Ramá”, ouve-se o choro amargo de “Raquel” por seus filhos (31,14-17) – esta que é a mãe da “casa de José”, as duas principais tribos do antigo Reino do Norte, Efraim e Manassés. Ouvem-se também os “gemidos de Efraim”, que, após ter sido castigado por Javé, volta arrependido e envergonhado (31,18-20). Todos esses antropônimos e topônimos remetem ao Reino do Norte, não podendo ser automaticamente transferidos para Judá, o Reino do Sul. Eles incontestavelmente mostram que esses poemas fazem parte de uma mensagem de salvação e novo início dirigida aos habitantes do antigo Reino do Norte. N. Lohfink entende que essa mensagem cabe perfeitamente na época da política expansionista de Josias, cuja meta era reintegrar o território do antigo Reino do Norte ao Estado de Judá e reconquistar a sua população para o culto no templo de Jerusalém. Nessa situação, Jeremias teria sido, conforme Lohfink, “propagandista do rei Josias e de sua política”¹⁰. Lohfink imagina Jeremias como um bardo itinerante que, a serviço do rei, percorria, sozinho ou com um grupo de músicos e cantores, as aldeias e as propriedades rurais para declamar os seus poemas e transmitir a sua mensagem¹¹.

exílio, com tentei mostrar em outra ocasião. Cf. Nelson Kilpp. **Niederreißen und aufbauen: Das Verhältnis von Heilsverheissung und Unheilsverkündigung bei Jeremia und im Jeremiabuch**. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 1990, pp. 106-107.

¹⁰ Der junge Jeremia als Propagandist und Poet, p. 367.

¹¹ Der junge Jeremia als Propagandist und Poet, p. 367.

3.2. Duas coletâneas de ditos proféticos: A evidência de Jeremias 2-6

R. Albertz analisa o bloco de Jeremias 2-6, considerado quase unanimemente como a pregação mais antiga do profeta, e constata que o bloco é composto por duas coletâneas de ditos proféticos. A primeira se encontra em Jeremias 2,1-4,2 (coletânea A) e a segunda em Jeremias 4,3-6,30 (coletânea B). Os ditos de ambas as coletâneas são endereçados a destinatários distintos.

As unidades retóricas da primeira coletânea são dirigidas quase que exclusivamente (9 vezes) a destinatários designados por “Israel” (2,3.14.21; 4,1), “casa de Israel” (2,4.26; 3,20), “filhos de Israel” (3,21) ou “casa de Jacó” (2,4), ou seja, a grupos facilmente identificáveis com o Reino do Norte. Nessa primeira coletânea, somente duas vezes aparecem, como destinatários, grandezas ou grupos identificáveis com o Reino do Sul, a saber: “Judá” (2,28) e “Jerusalém” (2,2; aqui certamente parte da introdução geral de todo o bloco).

Por outro lado, na segunda coleção de ditos do bloco (Jeremias 4,3-6,30), a situação é inversa. Enquanto que, em 22 ocasiões, os destinatários são identificados por designações que remetem ao Reino do Sul, tais como: “Jerusalém” (4,3.4.5.10.11.14.16; 5,1; 6,1.6.8), “Sião” ou “filha de Sião” (4,6.31; 6,2.23), “Judá” ou “casa de Judá” (4,3.4.5.16; 5,11.20) e “filhos de Benjamin” (6,1; que, na época, também pertencia ao Reino do Sul), somente quatro vezes o texto se dirige a grupos designados por “casa de Israel” (5,11.15), “casa de Jacó” (5,20) ou “resto de Israel” (6,9)¹².

A atribuição das duas partes do bloco mais antigo de palavras proféticas (Jeremias 2-6) a dois destinatários distintos não pode ser um mero acaso. O argumento de que Jeremias não mais utiliza o termo “Israel” para designar exclusivamente o antigo Reino do Norte, mas também o Reino de Judá não convence, pois não consegue explicar por que o profeta usa quase que exclusivamente, na primeira parte, “Israel” e, na segunda parte, “Judá”. Não se esperaria, no caso de uma identidade das duas grandezas, uma distribuição mais equilibrada? É mais fácil

¹² Jer 2-6 und die Frühzeitverkündigung Jeremias, pp. 25-26.

admitir que a primeira coletânea (Jeremias 2-3) foi destinada a grupos que originalmente eram parte do Reino de Israel (Norte) e que, por isso, facilmente se identificavam com a designação “Israel” e que a segunda coletânea (Jeremias 4-6) se destinou preponderantemente ao Reino de Judá e Jerusalém (Sul).

Essa hipótese é confirmada pelo conteúdo de ambas as partes do bloco, como veremos a seguir (3.2.1. a 3.2.3).

3.2.1. *Os anúncios de juízo*

À diferença de destinatários constatada acima corresponde uma diferença de conteúdos. A mensagem da coletânea A (Jeremias 2,1-4,2) é diferente da mensagem da coletânea B (Jeremias 4,3-6,30)¹³. Os anúncios de juízo quase não aparecem nos textos da coletânea A. Quando aparecem (somente em 2,9.26.35.36-37) são bastante genéricos. Por exemplo:

Eis que vou julgar-te,
porque dizes: Eu não pequei (2,35);

ou então,

Como se envergonha o ladrão que é surpeendido,
assim se envergonha a casa de Israel (2,26).

Além de raros, esses anúncios aparentemente falam de um juízo já ocorrido no passado:

Por acaso é Israel um escravo,
ou um servo nascido em casa
para que se torne um presa?
Os leões rugiram contra ele, lançaram urros;
reduziram à desolação a sua terra
suas cidades foram queimadas, deixadas sem habitantes.
(2,14-15)

¹³ Jer 2-6 und die Frühzeitverkündigung Jeremias, pp. 34-35.

O juízo experimentado no passado parece continuar em vigor no presente, por ocasião da pregação de Jeremias:

Por isso continuo meu litígio convosco – dito de Javé –
e com os filhos de vossos filhos¹⁴. (2,9)

É bastante provável, portanto, que o profeta esteja aludindo ao juízo que Israel sofreu em 722, cujas consequências ainda perduram na época de Josias: as terras continuam em mãos de outros, os israelitas deportados ainda não retornaram, rituais de luto e lamentação ainda lembram os antepassados que morreram ou desapareceram.

Totalmente diferentes são os anúncios de juízo da coletânea B. Aqui se encontram os famosos anúncios sobre a invasão do terrível inimigo do Norte:

Fugi! Não fiquéis parados!
Porque eu trago uma desgraça do Norte,
uma enorme ruína...
Relatai às nações,
anunciai contra Jerusalém:
inimigos chegam de uma terra longínqua
e lançam seus gritos de guerra contra as cidades de Judá.
(4,6.16; cf. 4,5.31; 5,6.10.15-17; 6,1-8.22-26)

Esses textos pintam um quadro muito concreto: um exército inimigo invade Judá, devasta o seu território, destrói as suas cidades e conquista Jerusalém. Essas palavras, sem dúvida, antecipam visionariamente um acontecimento militar no futuro próximo. Talvez Jeremias já tenha em mente o exército caldeu, já bastante conhecido após a destruição de Nínive, em 612. Em todo caso, o conteúdo desses anúncios é bem diferente da mensagem da primeira coletânea.

¹⁴ Assim a **Tradução Ecumênica da Bíblia** que, ao contrário da Bíblia de Jerusalém, traduz corretamente o termo *'od*.

3.2.2. *As denúncias*

Também as denúncias divergem bastante em ambas as coletâneas. Na coletânea A, encontramos principalmente denúncias da apostasia de Israel. Essas denúncias têm um caráter genérico: Israel “abandonou “ Javé (2,13.17), “afastou-se” (2,5) ou “esqueceu-se” dele (2,32), eles “não perguntaram” por Javé e por sua graciosa atuação no passado (2,6.8.31). Israel abandonou Javé para adorar ídolos que nada valem nem podem:

Eles me abandonaram, a fonte de água viva,
para cavar para si cisternas,
cisternas furadas que não podem conter água. (2,13; cf. 2,5)

As cisternas furadas são uma metáfora para as imagens de divindades, especialmente de Baal. O pecado maior de Israel foi envolver-se com cultos idolátricos (2,5.8.11.13.23-25); seus profetas profetizaram por Baal (2,8). Esta apostasia de Javé e a tendência da baalização da fé javista cabem muito melhor na situação do antigo Reino do Norte do que na situação de Judá e Jerusalém; profetizar em nome de Baal é característica dos profetas de Samaria, como explícito em Jeremias 23,13.

Também na coletânea B, encontra-se crítica religiosa, mas ela é totalmente diferente. A apostasia não se dá por causa da idolatria, mas ela está vinculada à desobediência concreta da lei (talvez na versão da lei deuteronomica). Ninguém – nem os pobres nem a elite – vive de acordo com esta lei (5,4-5). Além disso, em Jeremias 4-6, o profeta denuncia a hipocrisia do ritual religioso no templo, que tenta encobrir os crimes sociais (6,20; cf. 7,9-11). Profetas e sacerdotes não revelam, mas antes escondem os males sociais (5,30-31; 6,13-15). Aqui, não se denuncia um culto baalizado ou sincretista, mas critica-se o culto javista oficial realizado no templo de Jerusalém.

A coletânea B, no entanto, se destaca por outro tipo de denúncia: a dos crimes sociais. Não há, em Jerusalém, ninguém que pratique a justiça ou diga a verdade (5,1), o que se vê é adultério (5,7-8), opressão, violência e brutalidade (6,6-8), ganância e mentira (6,13), calúnia (6,28), exploração dos incautos por parte de uma elite econômica (5,26-28).

Esse tipo de denúncia reflete, sem sombra de dúvida, uma situação totalmente diferente da pressuposta na coletânea A¹⁵.

Na coletânea A, por outro lado, a crítica social é praticamente inexistente. Uma única vez se menciona um caso de homicídio (2,33-34); mas este obviamente é um caso específico de assassinato por motivos políticos. Não é a denúncia social, mas a denúncia política que se destaca nesta primeira coletânea de ditos. Criticada é, em especial, a política de alianças com os impérios estrangeiros (2,18.25.36). Aliás, essa política de alianças facilmente se confunde com a apostasia religiosa de Israel:

Como podeis dizer: “Não me profanei,
 não corri atrás de ídolos”?...
 Uma jumenta selvagem, acostumada ao deserto,
 que no ardor do seu cio sorve o vento;
 quem freará sua paixão?...
 Evita que teus pés fiquem desnudos
 E a tua garganta sedenta!
 Mas tu dizes: “É inútil! Não!
 Porque eu amo os estrangeiros
 e corro atrás deles”. (2,23-25)

Cabem aqui duas palavras sobre o caráter das denúncias de Jeremias nesta primeira coleção. Em primeiro lugar, o leitor ou a leitora tem a nítida impressão de que, em Jeremias 2-3, o profeta denuncia uma transgressão ocorrida no passado, que, no entanto, se prolonga até o presente:

O que encontraram os vossos pais em mim de injusto
 para que se afastassem de mim?...
 Desde tempos remotos quebraste o teu jugo,
 rompeste as tuas cadeias. (2,5.20)

¹⁵ R. Albertz, *Jer 2-6 und die Frühzeitverkündigung Jeremias*, p. 40, crê que a coletânea B reflete um desenvolvimento social que mostra o fracasso da dimensão social da reforma deuteronômica.

Parece que a geração presente ainda se encontra na mesma situação de culpa que as gerações passadas. A culpa destas se estende até o presente. Ou melhor, a geração presente ainda sofre os efeitos da culpa do passado. Também essa observação remete claramente à situação dos descendentes dos habitantes do antigo Reino do Norte, que tiveram grande parte de seus antepassados mortos e exilados (de acordo com 2 Reis 17, por causa da idolatria). Este último texto de 2 Reis também relata que os que permaneceram na região da Samaria adotaram um culto sincretista. Dentro desse contexto, Jeremias conclama seus ouvintes a reconhecerem a sua apostasia presente e passada e voltarem a Javé.

Em segundo lugar, é preciso mencionar que, nessa primeira coletânea, se percebe com maior nitidez o quanto Jeremias foi influenciado pelo profeta Oseias¹⁶. A metáfora do matrimônio para designar o relacionamento de Javé com seu povo é conhecida. Oseias a utiliza (Oseias 1-3) e Jeremias a adota em diversas ocasiões (Jeremias 2,2-3; 3,1-2.6-7.19-20). A metáfora tem suas nuances. A época ideal desse relacionamento, o “noivado”, foi a época em que Israel se encontrava no deserto, quando Deus o aceitou em seu amor (Oseias 2,16-23; 9,10; Jeremias 2,2-3,6; 31,2-3). Na terra cultivada, Israel abandonou seu esposo, tornando-se infiel a Javé e adotando outras divindades, em especial Baal. Essa apostasia é denominada de “prostituição” (Oseias 1,2; 2,4.7.14; 3,1 e *passim*; Jeremias 2,20.23.25; 3,1; 6,8). O relacionamento de Javé com seu povo pode também ser representado pela metáfora do pai (ou da mãe) e seus filhos (Oseias 2,4-5; 11,1-4; Jeremias 2,27; 3,4.14.19.22; 31,20).

A lista poderia ser ampliada. Mas o que se viu já é suficiente para constatar que Jeremias encontra subsídios para a sua mensagem aos descendentes do antigo Reino do Norte, justamente, na pregação de Oseias, o último profeta do Reino de Israel, que lhe anunciou o fim e, ao mesmo tempo, a perspectiva de um novo início. Com o auxílio da teologia desse profeta, Jeremias tenta trabalhar a culpa dos ex-habitantes do Norte que vivem nas redondezas de Anatote.

¹⁶ Cf., por exemplo, Alfons Deissler. Das ‘Echo’ der Hosea-Verkündigung im Jeremiabuch. In: L. Ruppert *et al.* (eds.) **Künder des Wortes: Beiträge zur Theologie der Propheten**. Festschrift für J. Schreiner. Würzburg, 1982, pp. 61-75.

3.2.3. *O anúncio de um novo início*

Para finalizar esta comparação entre as duas coletâneas do bloco Jeremias 2-6, convém levantar a questão sobre o objetivo principal de ambas as coleções. Esta não é uma questão inconteste. No entanto, pode-se dizer que, na coletânea B, a intenção é apontar para a iminente invasão do inimigo do Norte; esse inimigo trará destruição e devastação a Judá e Jerusalém. A catástrofe é irreversível; não mais existe possibilidade de conversão (6,15-21.27-30). Os motivos para essa catástrofe devem ser buscados nos delitos do povo, em especial de sua liderança. O objetivo da coletânea A é outro. Aqui não se tem a impressão de uma desgraça iminente, mas de uma desgraça passada que subsiste até o presente. Além disso, Jeremias insiste para que os seus ouvintes reconheçam a sua culpa (2,17-19.23.29-30.35) e se convertam (3,7.12.22; 4,1) – não apressada mas conscientemente – pois é chegado o fim da época da ira divina:

Volta, renegada Israel – dito de Javé!
Não farei cair sobre vós a minha ira,
porque sou misericordioso – dito de Javé!
Não guardo rancor para sempre. (3,12)

Portanto, Jeremias vê a possibilidade de seus ouvintes terem um novo início com seu Deus. A desgraça do passado, fruto do rancor divino, chegou ao fim. Uma nova época se aproxima, na qual a misericórdia de Deus será maior do que a culpa do passado. Essa mensagem de um novo início, contida na coletânea A, pode ser facilmente detectada também em Jeremias 31, como vimos acima (3.1).

4. Conclusão

Podemos concluir aqui.

A análise mostrou que Jeremias 2,4-4,2 e 31 preservam a pregação da primeira fase de atuação de Jeremias. Nesta fase, que se estende de 627 a 609, o profeta ainda não é aquele que anuncia o juízo contra Judá. Pelo contrário, ele se dirige exclusivamente aos habitantes das cerca-

nias de Anatote, muitos deles descendentes de refugiados do antigo Reino do Norte. Junto a essas pessoas Jeremias tenta trabalhar o passado de culpa e castigo, mostrando que o tempo de sofrimento já passou e que, agora, é hora de voltar a Javé – talvez até de peregrinar novamente ao templo de Jerusalém (31,6) –, em todo caso, de novamente plantar vinhas nos montes de Samaria (31,5) e de reconstruir a nação (31,4).

Esse tipo de atividade do profeta deve ser entendida como atuação de cunho nitidamente pastoral¹⁷, pois Jeremias consola, aconselha e anima os descendentes dos ex-habitantes do Norte; busca afastar a apatia e o conformismo resultante do sentimento de culpa e despertar a esperança por um futuro melhor. O “pastor” Jeremias entendeu como sendo sua tarefa a de ajudar o povo a remover a sua própria carga de culpa e sofrimento que, já há um século, pesava sobre os seus ombros.

Somente a remoção dos entulhos poderia levar a uma nova perspectiva de vida. Isso é possível porque, para Jeremias, Javé não mais está irado; pelo contrário, ele quer mostrar novamente seu amor ao seu povo. Nova vida é possível. Basta reconhecer a culpa, não se deixar dominar por ela e “retornar” a Javé. Nessa sua atuação pastoral, Jeremias atualiza a teologia de Oseias tanto na caracterização da culpa do povo (apostasia) quanto na perspectiva do novo início da relação entre Javé e povo sobre a base do profundo amor divino.

Nessa primeira fase de atuação, Jeremias provavelmente ainda vivia em Anatote. Certamente ainda não era uma pessoa muito conhecida em Jerusalém. Parece que ainda não era conhecido na corte de Josias. Esta primeira fase de atuação coincide com a época em que Josias, com a sua política de expansão territorial, tentou reconquistar a região do antigo Reino de Israel. Pode-se, portanto, afirmar que Jeremias atuou em consonância com a dimensão política da reforma josiânica, pois também esta representava uma chance de mudança para uma parte esquecida, mas significativa do povo de Israel: os descendentes dos fugitivos do Reino do Norte, que ainda choravam a perda de suas terras e de seus filhos (31,15.18). Nessa época, Jeremias aparentemente ainda não tinha motivos para criticar o templo de Jerusalém.

¹⁷ Cf. Rainer Albertz, *Jer 2-6 und die Frühzeitverkündigung Jeremias*, p. 38.

Em Jeremias 4-6, a mensagem do profeta muda drasticamente. Estes capítulos não podem mais fazer parte da “fase pastoral” de Jeremias, pois contém um anúncio de juízo irreversível para Judá e Jerusalém. Essa mensagem faz parte da segunda fase de atuação, que inicia no conturbado ano de 609. Não é possível precisar o que ocorreu na vida de Jeremias para que ele mudasse tão drasticamente o conteúdo e os destinatários da sua pregação. Talvez os acontecimentos que se precipitaram em 609 (a morte de Josias, o desterro de Joacaz e a entronização de Joaquim) tenham tido um impacto muito forte em Jeremias. Mais importante, no entanto, parece ter sido a experiência visionária descrita em Jeremias 1,11-13, que o profeta provavelmente teve nessa época. A visão de um “panelão” que está prestes a despejar sua fervura “a partir do Norte” parece ter sido o impulso decisivo para anunciar algo totalmente novo: a invasão do inimigo do Norte. Esta mensagem não mais largou o profeta até a conquista de Jerusalém, em 587/6.

Referências

- HOLLADAY, William L. **Jeremiah**. Minneapolis: Fortress Press, 1989. 2 v. (Série Hermeneia. A Critical and Historical Commentary on the Bible).
- HORST, Friedrich. Die Anfänge des Propheten Jeremia. **Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft**, 1923, pp. 94-153.
- HYATT, J. Philip. **Jeremiah: Introduction and Exegesis**. 1956, pp. 778-779. (Interpreters Bible, v. 5).
- LOHFINK, Norbert. Der junge Jeremia als Propagandist und Poet: Zum Grundstock von Jer 30-31. In: P. M. Bogaert (ed.) **Le livre de Jérémie: Le profète et son milieu, les oracles e son transmission**. Louvain: Peters, 1981, pp. 351-368. (BETHL)
- ALBERTZ, Rainer. Jer 2-6 und die Frühzeitverkündigung Jeremias. **Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft**, 1982, pp. 20-47.
- KILPP, Nelson. **Niederreißen und aufbauen. Das Verhältnis von Heilsverheißung und Unheilsverkündigung bei Jeremia und im Jeremiabuch**. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 1990.
- DEISSLER, Alfons. Das ‘Echo’ der Hosea-Verkündigung im Jeremiabuch. In: L. Ruppert *et al.* (eds.) **Künder des Wortes: Beiträge zur Theologie der Propheten**. Festschrift für J. Schreiner. Würzburg, 1982.